
A globalização nos escritos de João Paulo II

Loivo José Mallmann¹

RESUMO: Este artigo apresenta a visão do magistério pontifício sobre o tema da globalização. Os escritos sociais da Igreja (Magistério Pontifício) tem analisado as transformações econômicas, políticas e culturais de nossa época. O tema da globalização aparece em inúmeros escritos a partir de meados dos anos 90. Os textos analisam a complexidade do processo e apontam suas possibilidades e seus riscos. Os escritos questionam a centralidade que a dimensão econômica ocupa no processo e apontam três critérios éticos que devem, segundo a visão do Ensino Social da Igreja, orientar o processo: a dignidade da pessoa, o bem comum e a solidariedade.

PALAVRAS-CHAVE: globalização; ética: dignidade da pessoa; bem comum; solidariedade.

1. Introdução

A palavra globalização ou mundialização aparece nos escritos pontifícios em meados dos anos 90. A partir de então a temática está presente em numerosos escritos que tratam de problemáticas sociais. O papa prefere utilizar a palavra globalização em vez de mundialização para referir-se ao fenômeno de maior interconexão mundial intensificada nas últimas décadas. O processo é apresentado como algo que se impõe devido “à maior comunicação existente entre as diversas partes do mundo, na prática levando à superação das distâncias, com evidentes efeitos nos mais distintos campos”(Exortação *Ecclesia in América*, n. 20)².

¹ Professor do Instituto de Cultura Religiosa da Universidade Católica de Pelotas. Mestre em Teologia Moral pela Pontifícia Universidade Comillas (Espanha).

² JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica Pós-sinodal *Ecclesia in América*, Paulus: São Paulo, 1999. Aqui, n. 20.

A primeira referência direta ao fenômeno da globalização aparece no discurso pronunciado na Quinquagésima Assembleia Geral das Nações Unidas ocorrida em 1995. O texto destaca o forte processo de mobilidade que se verifica em distintos campos da vida social, o que faz com que os problemas nacionais passem a ser mundializados. De maneira especial ressalta as mudanças verificadas nos meios de comunicação e na economia. O discurso apenas faz referência ao fenômeno e não apresenta nenhum juízo ético sobre o tema.

Os problemas nacionais se situam hoje num novo contexto mundial caracterizado por uma forte mobilidade, e o os dinamismos das migrações, dos meios de comunicação social e da mundialização da economia, fazem com que as características étnico-culturais dos diversos povos sejam menos definidas (*Discurso na Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), n. 7, 05-12-95*)³.

O tema da globalização passa a formar parte das Mensagens para a Jornada Mundial da Paz, tradicionalmente apresentadas no dia primeiro de janeiro de cada ano. A Exortação Apostólica Pós-sinodal *Ecclesia in América* dedica dois parágrafos ao tema e vários discursos e mensagens pronunciados pelo Papa por ocasião do Ano Jubilar de 2000 e posteriormente fazem uma referência explícita ao processo de globalização.

2. A abordagem do fenômeno da globalização

À continuação vamos analisar os escritos pontifícios que tratam do tema e destacar os quatro aspectos que aparecem na sua análise, a saber: a globalização como fenômeno multifacético; a ambivalência do processo; uma globalização com critérios éticos e a necessidade de reformar e criar novas instituições mundiais.

2.1. A globalização – um fenômeno multifacético

O fenômeno da globalização é complexo e apresenta muitas facetas. Merecem especial atenção os aspectos econômico-financeiro, cultural e ideológico do processo.

a) Um processo econômico-financeiro

³ Este e os demais escritos papais apresentados no artigo (mensagens, discursos, homilias), com exceção da Exortação *Ecclesia in América*, foram consultados na página web do Vaticano: www.vatican.va

Os escritos de João Paulo II reconhecem a centralidade que a economia ocupa no processo.

O complexo fenômeno da globalização como lembrei anteriormente, é uma das características da nossa época, verificável especialmente na América. Dentre esta variada realidade, o aspecto econômico assume grande importância (*Exortação Ecclesia in América, n. 55*).

Na mensagem da Jornada Mundial da Paz de 1998 menciona que o processo deve ser entendido dentro do contexto das mudanças geopolíticas ocorridas depois de 1989, com especial repercussão no campo socioeconômico e, principalmente, na área das finanças.

A globalização da economia e da alta finança é já uma realidade, e cada vez mais claramente se vai tirando proveito dos rápidos progressos nas tecnologias informáticas (*Mensagem para a Jornada Mundial da Paz, n. 3, 1998*).

A predominância da dimensão econômica e financeira da globalização é destacada uma vez mais na mensagem de primeiro de janeiro de 1999.

A corrida vertiginosa para a globalização dos sistemas econômicos e financeiros torna patente a urgência de estabelecer quem deve garantir o bem comum global e a atuação dos direitos econômicos e sociais (*Mensagem para a Jornada Mundial da Paz, n. 9, 1999*).

Por ocasião do Jubileu dos Trabalhadores reunidos em Tor Vergata (Roma) em 1 de maio de 2000 o Papa volta a sublinhar como a globalização se apresenta com força no processo produtivo:

As novas realidades, que acometem com vigor o processo produtivo como a globalização das finanças, da economia, do comércio e do trabalho, jamais devem violar a dignidade e a centralidade da pessoa humana, nem a liberdade e a democracia dos povos (*Homilia na celebração do Jubileu dos Trabalhadores em Tor Vergata (Roma), 01-05-2000*).

b) Um processo cultural

Para o Pontífice a dimensão cultural do processo de globalização, fomentado principalmente pelos meios de comunicação não passa despercebida.

E que dizer, então, da globalização cultural produzida por pressão dos meios de comunicação social? Estes impõem em

toda a parte novas escalas de valores, com freqüência arbitrários e fundamentalmente materialistas, diante dos quais é difícil manter viva a adesão aos valores do Evangelho (*Exortação. Ecclesia in América, n. 20*).

Os últimos escritos de João Paulo II que tratam do tema da globalização reconhecem que o mesmo tem conseqüências em todos os âmbitos da vida humana. Na mensagem da Jornada Mundial da Paz de 1 de janeiro de 2001 começa reafirmando o valor da fraternidade universal “proclamado pelas grandes cartas dos direitos humanos e promovidos pelas instituições mundiais; este valor deve estar presente agora, quando o processo de globalização une de forma crescente os destinos da economia, da cultura e da sociedade”.

A dimensão cultural da globalização merece uma atenção especial no discurso pronunciado na Academia Pontifícia de Ciências Sociais em abril de 2001. A “lógica do mercado” invade todas as áreas da vida social e os rápidos câmbios nos valores ameaçam a busca do bem comum:

O que está a acontecer é que as mudanças na tecnologia e nas relações de trabalho se transformam com demasiada rapidez para que a cultura seja capaz de lhes corresponder. As garantias culturais, legais e sociais – que são o resultado dos esforços voltados para a defesa do bem comum – têm uma importância vital para fazer com que os indivíduos e os grupos intermediários mantenham a sua própria centralidade. Todavia, com freqüência a globalização corre o perigo de destruir estas estruturas edificadas com tanto esmero, reivindicando a adoção de novos estilos de trabalho, de vida e de organização das comunidades (*Discurso na Academia Pontifícia de Ciências Sociais, 27-04-01*).

As mutações tecnológicas e os descobrimentos biomédicos são tão acelerados que surpreendem aos legisladores. Devemos estar atentos para que os novos avanços científicos respeitem os valores humanos e garantam o bem de todos, afirma o Papa no mesmo discurso acima citado.

c) Um processo ideológico

Escrevendo para a Igreja da América o Papa critica a ideologia neoliberal que predomina em alguns países do continente e impulsiona a globalização econômica. Este sistema absolutiza o mercado e menospreza a dignidade da pessoa causando a marginalização dos mais fracos.

Domina cada vez mais, em muitos países americanos, um sistema conhecido como neoliberalismo; sistema este que, apoiado numa concepção economicista do homem, considera o lucro e as leis de mercado como parâmetros absolutos com prejuízo da dignidade e

do respeito da pessoa e do povo. Por vezes, este sistema transformou-se numa justificação ideológica de algumas atitudes e modos de agir no campo social e político que provocam a marginalização dos mais fracos. De fato, os pobres são sempre mais numerosos, vítimas de determinadas políticas e estruturas freqüentemente injustas (*Exortação Ecclesia in América*, n. 56).

2.2. A ambivalência do processo

O Papa reconhece que o fenômeno da globalização é novo e carrega em si uma série de possibilidades e alguns riscos.

É um fenômeno novo que deve ser conhecido e avaliado com uma pesquisa atenta e pontual, pois apresenta-se com uma acentuada característica de "ambivalência". Pode ser um bem para o homem e a sociedade, mas poderia revelar-se também um dano devido às não leves conseqüências (*Discurso a Dirigentes de Sindicatos e de Grandes Empresas*, 02-05-2000).

Na *Exortação Ecclesia in America* faz uma análise ética da globalização e aponta seus aspectos positivos e negativos. O processo incrementa a produção e pode fortalecer a unidade entre os povos. Contudo, a globalização tem um série de conseqüências negativas, quando é regida pelos interesses de pequenos grupos e absolutiza a dimensão econômica. O aumento do desemprego, a deterioração dos serviços públicos e o aumento da diferença que separa ricos e pobres são alguns dos efeitos negativos da globalização centrada no econômico.

As repercussões do ponto de vista ético podem ser positivas ou negativas. Existe, certamente, uma globalização econômica que traz em si algumas conseqüências positivas, tais como o fenômeno da eficiência e o aumento da produção e que, com o crescimento das relações entre os diversos países no âmbito econômico, pode reforçar o processo da unidade dos povos e prestar um melhor serviço à família humana. Porém, se a globalização é dirigida pelas puras leis do mercado aplicadas conforme a conveniência dos mais poderosos, as conseqüências só podem ser negativas. Tais são, por exemplo, a atribuição de um valor absoluto à economia, o desemprego, a diminuição e o deterioramento de alguns serviços públicos, a destruição do ambiente e da natureza, o aumento das diferenças entre ricos e pobres, a concorrência injusta que põe as nações pobres numa situação de inferioridade sempre mais acentuada (*Exortação Ecclesia in América*, n. 20).

a) *Um processo aberto, com riscos e possibilidades*

O tema da ambivalência, com os riscos e as novas oportunidades que derivam do fenômeno da globalização aparece uma vez mais na Mensagem da Jornada Mundial da Paz de 2000.

Ainda que não isentos de riscos, tais dinamismos (da globalização) contêm oportunidades extraordinárias e promissoras que apontam precisamente para a meta referida, ou seja, para fazer da humanidade uma só família, fundada sobre os valores da justiça, da equidade, da solidariedade (*Mensagem para a Jornada Mundial da Paz, n. 5, 2000*).

A globalização é um processo aberto, com possibilidades e contratempos. Diante da globalização, enquanto fenômeno “complexo e em mutação”, a humanidade necessita de uma ética comum que dê prioridade aos valores humanos e corrija as conseqüências negativas decorrentes das rápidas transformações no campo social e cultural.

A priori, a globalização não é positiva nem negativa. Ela será aquilo que dela se fizer. Nenhum sistema é um fim em si mesmo, e é necessário insistir sobre o fato de que a globalização, assim como qualquer outro sistema, deve estar ao serviço da pessoa humana, da solidariedade e do bem comum (*Discurso na Academia Pontifícia de Ciências Sociais, 27-04-01*).

b) *Um processo que suscita interrogações*

Os tempos atuais são marcados por novas esperanças e ameaças de novos conflitos bélicos com conseqüências mundiais. Falando sobre o tema da globalização, João Paulo II apresenta os seguintes questionamentos:

Quais serão as conseqüências das mudanças em curso? Poderão *todos* tirar proveito dum mercado global? Terão *todos* finalmente a possibilidade de gozar da paz? As relações entre os Estados serão mais equitativas, ou, pelo contrário, a concorrência econômica e as rivalidades entre povos e nações conduzirão a humanidade para uma situação de instabilidade ainda maior? (*Mensagem para a Jornada Mundial da Paz, n. 3, 1998*).

2.3. A proposta do Ensino Social da Igreja: uma Globalização com critérios éticos

Na abordagem que os escritos pontifícios fazem da globalização vemos como reconhecem que o fenômeno é ambivalente e que tem repercussões em todos os âmbitos da vida humana. Por isso o processo

merece uma especial atenção na missão social da Igreja. O Ensino Social da Igreja⁴ “não quer dar soluções técnicas ou alternativas concretas aos problemas socioeconômicos”⁵. Ele oferece critérios que possam ajudar a humanidade a construir soluções para as problemáticas e dilemas de cada época. Por isso os escritos sociais da Igreja falam de uma “globalização ética”, fundada em três grandes pilares: a dignidade da pessoa, a promoção do bem comum e a solidariedade.

a) *A afirmação da pessoa e das diversas culturas*

Frente à globalização a doutrina social católica reafirma a prioridade ética que é uma exigência essencial da pessoa e da comunidade humana. O discernimento ético deve fundar-se em dois princípios que se complementam:

O primeiro é o valor inalienável da pessoa humana, fonte de todos os direitos humanos e de todas as ordens sociais. O ser humano deve ser sempre um fim e jamais um instrumento, um sujeito e não um objeto nem um produto de mercado. O segundo é o valor das culturas humanas, que nenhum valor externo tem o direito de desvirtuar e ainda menos destruir. A globalização não pode constituir um novo tipo de colonialismo (*Discurso na Academia Pontifícia de Ciências Sociais, 27-04-01*).

Para que o processo de globalização “triunfe a humanidade inteira e não somente uma elite rica que controla a ciência, a tecnologia, a comunicação” é necessário que tenhamos um “código de ética comum”. Através deste mecanismo poderemos alcançar uma “globalização ao serviço da pessoa e da humanidade” (*Discurso na Academia Pontifícia de Ciências Sociais, 27-04-01*).

b) *A defesa do bem comum*

Juntamente com a afirmação da primazia da pessoa e do lugar central que deve ocupar em todos os sistemas, o ESI apresenta como princípios complementares a busca do bem comum e da solidariedade. A globalização não é um absoluto, mas um meio. O respeito a estas três categorias acima elencadas vai garantir uma globalização ética e humanizadora.

Nenhum sistema é um fim em si mesmo, e é necessário insistir sobre o fato de que a globalização, assim como qualquer outro sistema, deve estar ao serviço da pessoa humana, da solidariedade e do bem comum (*Discurso na Academia Pontifícia de Ciências Sociais, 27-04-01*).

⁴ Identificaremos o Ensino Social da Igreja com a sigla ESI.

⁵ Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Sollicitudo rei socialis*, 1987. Aqui, nº 41.

A subsidiariedade é um princípio importante na vida pública. Este princípio deveria inspirar as ações dos governos, das instituições e das organizações privadas na sua tarefa de promover o bem de toda a humanidade.

Com sua doutrina social a Igreja oferece uma válida contribuição para a problemática que apresenta a atual economia globalizada. Sua visão moral nesta matéria “apóia-se sobre os três alicerces fundamentais da dignidade humana, da solidariedade e da subsidiariedade”. A economia globalizada deve ser analisada à luz dos princípios da justiça social, respeitando a opção preferencial pelos pobres, que devem ser colocados em condições de defender-se numa economia globalizada, e as exigências do bem comum internacional (*Exortação Ecclesia in América*, n. 55).

c) *Uma globalização solidária*

O critério da solidariedade é central na abordagem que João Paulo II faz do tema da globalização. A palavra solidariedade vem do adjetivo “solidário”, derivado do vocábulo latino *in solidum* com o qual se nomeia um tipo especial de obrigações jurídicas. Na raiz etimológica da palavra há dois significados principais: o de construção (algo que está construído de forma compacta) e o de jurisprudência (obrigações contraídas entre pessoas). O critério de solidariedade permite incluir a todos no processo de globalização.

Os textos pontifícios falam de globalização “na solidariedade, da solidariedade e cultura da solidariedade”. Vejamos em detalhes cada uma dessas acepções.

1. Globalização “na solidariedade”

Na mensagem da Jornada Mundial da Paz de 1998 o Papa fala que globalização “na solidariedade” é aquela que permite que todos os países possam desenvolver plenamente suas potencialidades.

Em suma, o desafio é assegurar uma globalização *na solidariedade*, uma globalização *sem marginalização*. Isto constitui claramente um dever de justiça, que comporta notáveis implicações morais na organização da vida econômica, social, cultural e política das nações (*Mensagem para a Jornada Mundial da Paz*, n. 3, 1998).

2. Globalização “da solidariedade”

Em um escrito dirigido à Igreja da América e perfeitamente aplicável à Igreja universal, passa a falar em “globalização da solidariedade”, ampliando assim o sentido e o alcance do critério que propõe. A promoção da cultura globalizada da solidariedade é um desafio para a missão social da Igreja:

A Igreja na América é chamada não só a promover uma maior integração entre as nações, contribuindo assim a criar uma autêntica cultura globalizada da solidariedade, mas também a colaborar com todos os meios legítimos para a redução dos efeitos negativos da globalização, tais como o domínio dos mais poderosos sobre os mais fracos, especialmente no campo econômico, e a perda dos valores das culturas locais a favor de uma mal-entendida homogeneização (*Exortação Ecclesia in América, n. 55*).

Falando aos trabalhadores reunidos em Roma por ocasião do Jubileu do ano 2000, reconhece que a globalização afeta a todos os campos da vida humana. Por isso é necessário apostar na solidariedade e na participação para garantir a centralidade das pessoas no processo.

A globalização hoje é um fenômeno que já se encontra em todos os âmbitos da vida dos homens, mas é um fenômeno que deve ser governado com sabedoria. É necessário *globalizar a solidariedade* (*Discurso no Jubileu dos Trabalhadores em Tor Vergara (Roma), 01-05-2000*).

3. A “cultura da solidariedade”

A solidariedade deve ser uma espécie de rede que atravesse todas as dimensões da globalização para formar uma “cultura da solidariedade”.

(...)Concretamente, isso significa permear de solidariedade as redes das interdependências econômicas, políticas e sociais, que os processos de globalização em ato tendem a aumentar. Tais processos exigem um *revisão da cooperação internacional em termos de uma nova cultura de solidariedade* (*Mensagem para a Jornada Mundial da Paz, 17, 2000*).

2.4. A necessidade de reformar e criar novas instituições mundiais

As instituições mundiais desempenham um papel importante na consolidação do processo de globalização. Elas tem a missão de se contrapor à centralidade da lógica econômica no processo e promover a defesa do direito dos mais fracos. O que está claro é que as atuais instituições mundiais não cumprem esta missão de forma satisfatória e portanto devem ser reformadas e até é oportuno que surjam novas entidades que promovam uma globalização humanizadora.

a) A reforma das instituições mundiais

No processo de globalização é necessário estabelecer quem vai garantir o bem comum global e a realização dos direitos econômicos e sociais. Instituições internacionais como a Organização das Nações

Unidas desempenham um importante papel mas não devem perder de vista a pessoa humana, objetivo central de qualquer projeto social.

Em ordem a uma sociedade mais eqüitativa e em prol duma paz mais estável num mundo a caminho da globalização, é tarefa urgente das organizações internacionais ajudar a promover o sentido de responsabilidade pelo bem comum. Mas, para se chegar a isso, é necessário não perder nunca de vista a pessoa humana, que deve ser colocada no centro de cada projeto social. Só assim é que as Nações Unidas se podem tornar uma verdadeira «família de nações», de acordo com o seu mandato primordial «de promover o progresso social e melhores condições de vida numa mais ampla liberdade» (*Mensagem para a Jornada Mundial da Paz, n. 3, 1998*).

b) *Novas instituições para gerir a globalização*

As instituições internacionais têm se mostrado incapazes de fazer frente aos efeitos predatórios da globalização. Por isso é necessário que se promova uma nova cultura e que surjam novas instituições de alcance mundial. O Papa, contudo, não especifica a que tipos de instituições se refere⁶.

Também para a globalização são necessárias uma nova cultura, novas regras e novas instituições a nível mundial (*Discurso a Dirigentes de Sindicatos e de Grandes Empresas, 02-05-2000*).

3. Considerações finais

É na segunda metade da década de 90 que a globalização passa a figurar nos escritos de João Paulo II. A partir desta data e, de modo especial nas celebrações do Ano Jubilar de 2000, a globalização é tema constante nos escritos papais. O fenómeno é analisado dando uma atenção aos aspectos culturais presentes no mesmo. Os escritos reconhecem ainda a complexidade do processo e destacam a primazia da dimensão económica e financeira em seu desenvolvimento histórico. Na abordagem do processo são apontadas os avanços e as novas possibilidades que abre, sem deixar de elencar os riscos e consequências negativas que acarreta.

Por ser um tema aberto e ambivalente e com abrangência mundial o fenómeno da globalização merece ser discutido com atenção pela sociedade. O Ensino Social da Igreja, atento às transformações

⁶ Em outros escritos, no entanto, João Paulo fala do Tribunal Penal de Justiça Internacional como exemplo de instituição fundamental e necessária para gerir novos conflitos que venham a surgir decorrentes do processo de globalização.

socioeconômicas que ocorrem no mundo, dá a sua contribuição na análise do processo. Esta abordagem não pretende dar respostas técnicas às problemáticas atuais, mas oferecer princípios éticos fundados na Sagrada Escritura e na Tradição da vivência cristã que possam orientar o processo.

Desta forma, os escritos de João Paulo II oferecem três princípios que devem orientar o processo para garantir a sua viabilidade ética: a dignidade da pessoa, o bem comum e a solidariedade. Estas três categorias são autônomas mas se complementam. O ideal é instaurar uma “cultura mundializada da solidariedade”. Para viabilizar esta globalização humanizadora é fundamental democratizar o processo e fortalecer a atuação das entidades internacionais. É necessário também fomentar o surgimento de novas instituições que vão dinamizar e fortalecer a integração dos povos, salvaguardando as riquezas culturais de cada um.

ABSTRACT: This paper shows the view about the globalization subject. The Church Social Writings have analyzed the economical, political and cultural change of our time. The globalization subject appears in many writing since the mid 90's. These texts analyze the complexity of this process and lead us to its possibilities and risks. The writings debate about the centrality that the economical dimension has over the process and show three ethical criteria that, according to the Church Social Teaching, should guide the process: individual's dignity, commonwealth, and solidarity.

KEY-WORDS: Globalization; ethics; church; solidarity.

Referencias Bibliográficas

GARCÍA DÍAZ, E., *Diccionario de Juan Pablo II*, Espasa: Madrid, 1997.

JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica *Ecclesia in America*, Paulus: São Paulo, 1999.

_____, Carta Encíclica *Sollicitudo rei socialis*, Vozes: Petrópolis, 1987.

VIDAL, Marciano, *Para comprender la solidaridad: virtud y principio ético*, Desclée de Brouwer: Bilbao, 2000.

Outros escritos de João Paulo II consultados na página web do Vaticano – www.vatican.va

Discurso aos Membros da Quinquagésima Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas, 05-12-1995.

Discurso no Jubileu dos Trabalhadores em Tor Vergara (Roma), 01-05-2000

Discurso a Dirigentes de Sindicatos e de Grandes Empresas, 02-05-2000.

Discurso aos Membros da Academia Pontifícia de Ciências Sociais, 27-04-2001.

Homilia na Celebração do Jubileu dos Trabalhadores em Tor Vergata (Roma), 01-05-2000.

Mensagem para a Jornada Mundial da Paz, 01-01-1998.

Mensagem para a Jornada Mundial da Paz, 01-01-1999.

Mensagem para a Jornada Mundial da Paz, 01-01-2000.

Mensagem para a Jornada Mundial da Paz, 01-01-2001.